Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2013

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Ficha para identificação da Produção Didático-pedagógica – Turma 2013

Título: LEITURA DE IMAGEM E ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO	
Autor: DÉBORA FERREIRA DA SILVA	
Disciplina/Área:	Artes
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual D. Carolina Lupion.
Município da escola:	Cambará
Núcleo Regional de Educação:	Jacarezinho
Professor Orientador:	Elke Pereira Coelho Santana
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual de Londrina
Relação Interdisciplinar:	
Resumo:	O mundo experiência a civilização da imagem como um dos fenômenos culturais mais importantes e apaixonantes. Atualmente, vive-se intensamente a era visual, na qual cada vez mais percebemos o mundo por meio de imagens. Em nosso cotidiano estão sempre cercados por imagens que muitas vezes não valorizamos. Dentro da educação em especial na disciplina de arte esta valorização é muito importante, pois através dela os alunos podem perceber o valor dos objetos presentes em nosso cotidiano, para tanto o objetivo deste projeto é sistematizar o trabalho com leitura e interpretação de imagens em sala de aula, desdobrando essas ocorrências em práticas artísticas que abordem o cotidiano; com base na arte contemporânea, possibilitar aos alunos momentos de reflexão, leitura, interpretação, produção e contextualização de imagens visuais. O trabalho será realizado com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.
Palavras-chave:	Cotidiano, arte visual, educação.

Formato do Material Didático:	Unidade Didática
Público:	6º ano do Ensino Fundamental

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ -SEED

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE

SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO-COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PDE

PROJETO DE INTERVENÇÃO

PROFESSOR PDE –TURMA 2013

DÉBORA FERREIRA DA SILVA

LEITURA DE IMAGEM E ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO

CAMBARÁ

2013

DÉBORA FERREIRA DA SILVA

LEITURA DE IMAGEM E ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO

Projeto de intervenção apresentado à Secretaria de Estado de Educação do Paraná, Departamento de Políticas e Programas Educacionais, Coordenação Estadual do PDE, para o cumprimento do primeiro período do Plano Integrado de Formação Continuada.

Orientação: Elke Pereira Coelho Santana

(UENP/CCHE/CJ)

CAMBARÁ
2013

LEITURA DE IMAGEM E ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIÊNCIAS NO

INTRODUÇÃO

O mundo vive a civilização da imagem como um dos fenômenos culturais mais importantes e apaixonantes. Atualmente estamos vivendo intensamente a era visual, na qual cada vez mais percebemos o mundo por meio de imagens. No entanto, essa realidade não é nova, porque desde os primórdios da pré-história o homem procura formas de se comunicar e a escrita não foi a única e nem a primeira forma que eles desenvolveram para esse fim. Segundo Barrozo (2011) “prova deste fato são as pinturas rupestres encontradas nas cavernas da Serra da Capivara, no Brasil. Mesmo naquela época [os homens] já lançavam mão do uso das imagens para registrar suas ideias e os acontecimentos marcantes da comunidade”.

Contar com quantas imagens entramos em contato diariamente é um dado impossível, pois somos bombardeados com uma quantidade infinitas de imagens, sejam fixas ou em movimentos, que na grande maioria das vezes passam por nós de maneira despercebida: são imagens virtuais do computador, do cinema, do vídeo, da televisão; imagens da arte: fotografias, pinturas, desenhos, esculturas, espetáculos cênicos; imagens didáticas; tabelas, gráficos, mapas, ilustrações; imagens publicitárias; a paisagem natural e construída pelo homem.

Na sociedade atual o texto não é o único a transmitir mensagens, as imagens refletem inúmeras ideias e conceitos, aliás, os significados das imagens podem variar de acordo com o repertório de quem faz a leitura.

Dentro do ambiente da escola não é diferente. Ao apreciarem uma imagem, os alunos interagem constantemente, pois ela é percebida, sentida e a significação de sua forma e da composição é relacionada com as suas vivências e percepções. Ao investigarem nas entrelinhas (o artista e as

características estéticas da época em que a obra foi criada) estarão realizando o diálogo com o mundo.

Essas práticas relacionam-se de maneira flexível e pretendem possibilitar a intervenção do professor e do educando na construção do projeto por meio dos aspectos cognitivo, perceptivo, criativo e expressivo nas linguagens visuais.

Segundo Mignone (2011, p. 116):

> Às vezes o artista tem dúvidas sobre o que fazer e procura informações longe de sua vida usando como referências guerras e tribos distantes. No entanto, me parece mais coerente prestar atenção no dia a dia, naquilo que está acontecendo nas suas proximidades, na maneira como os móveis estão dispostos em casa, no que se pendurou para enfeitá-la, no filme assistido. As referências podem estar absolutamente próximas, e quebra-se a cabeça tentando pensar em algo grande, poderoso, que impressione e chame a atenção, quando acredito que não é nada disso; o que é poderoso e significativo é a coisa mais banal, aquilo que as pessoas nem percebem quando passam, não veem mas está muito perto, ao lado. Isso no início é muito importante – mesmo para quem vai fazer coisas gigantescas – o começo deve considerar o que é íntimo, o jeito que um sapato ficou ao chão, a própria mão ou o pé. É por meio da atenção a esses detalhes, do que é mais particular, que surge as motivações para a arte.

Diante disto, como educadora, surgem inquietações: Quais as possíveis funções das imagens no mundo contemporâneo? Qual a influência das obras de arte no cotidiano? Como estabelecer uma ponte poética, e de conhecimento, entre as ações e percepções cotidianas e o campo da arte contemporânea?

Para buscar uma alternativa que possa direcionar o trabalho que reflexione estas perguntas, o objetivo desta unidade didática é sistematizar o trabalho com leitura e interpretação de imagens em sala de aula, desdobrando essas ocorrências em práticas artísticas que abordem o cotidiano; com base na arte contemporânea, possibilitar aos alunos momentos de reflexão, leitura, interpretação, produção e contextualização de imagens visuais.

O trabalho será direcionado para os 6° anos do ensino fundamental da Escola Estadual D. Carolina Lupion, na cidade de Cambará, PR.

CONCEITUANDO IMAGEM

Conceituar imagem não é tarefa fácil, pois desde os primórdios do conhecimento, filósofos se debruçam sobre a difícil relação que une imagem e realidade, bem como sobre as respectivas definições. Platão, no seu livro sexto da *República*, se refere ao assunto e traz a seguinte definição sobre imagem: “chamo imagem, em primeiro lugar às sombras; seguidamente aos reflexos nas águas, e aqueles que se formam em todos os corpos compactos, lisos e brilhantes, e todo o mais que for do nosso gênero” (2002, p. 207).

Em primeiro lugar, o filósofo aponta imagem como um elemento produzido pela natureza, refletida através dela, do real para o fictício, algo a parte no jogo de luzes e sombras. Na Retórica Medieval, Reboul (1998) apud Arantes Filha (2004) dizem que a imagem é definida como *aliquid stat pro aliquo,* algo que está em lugar de uma outra coisa, apontando para algo que pode ser fabricado. A imagem seria uma reprodução na memória, acompanhada de imaginação por parte de quem a vê, que quando materializada nos dá sentido de imagem.

Aumont (1995) diz que ao olhar uma imagem, além da capacidade perceptiva que todo espectador precisa ter para ver, possibilita que outros fatores entrem em jogo, sendo primordial para que a imagem tenha importância.

O projeto “Cartografias Cotidianas” (COELHO; VILLA, 2011) diz que figurar pressupõe a representação mais ou menos fidedigna de um dado concreto. Enquanto que fabular faz com que a visualidade aparente se intercepte com a imaginação. Figurações e fabulações andam juntas, por vezes o configurar conduz o caminho e em outras instâncias a palavra final está com a fabulação, pois afinal de contas, o que é a realidade? Como posso ter certeza de que eu vejo não é uma invenção, um amalgama de como a realidade se apresenta, com os desejos que as transformam? Para o artista Rimon Guimarães (2011), a cidade abriga resíduos do feio e do bonito, do sujo e do

limpo, do tempo em última instância e por isso o contexto urbano tem dimensões mágicas. Na fala do artista e pesquisador Diego Rayck (2011), o desenho assume o papel de artifícios, pois demanda engenhos e estratégias no processo de criação de sentidos.

Rayck (2011, p. 97) destaca que:

> Desenhamos objetos, pessoas, situações, assim como desenhamos conceitos, abstrações, projeções e memórias. Portanto desenhar não implica apenas uma tomada de espaço, mas sim de tempo, e evidências a sua pertinência para além do visível, incorporando o imaginável. Se podemos usar os desenhos para nos relacionar com o mundo, também temos que considerar o quanto isso já foi feito e o quanto tudo aquilo que já foi desenhado também constitui esse mundo.

Dessa forma, dados relacionados à percepção - como ver, imaginar, fabular, memorizar – são questões que interceptam a leitura de imagens e são fundamentais para o campo da arte; é a partir delas que busco desenvolver a abordagem da arte e do cotidiano com os alunos.

A IMAGEM DENTRO DA EDUCAÇÃO

Atualmente vive-se na civilização da imagem, é a era da chamada cultural visual, em que podem ser vistas imagens por todas as partes, sendo que estas contêm mensagens que muitas vezes influenciam mais que muitos textos; esta influência está no modo de vestir e de pensar de uma sociedade, o que se deve consumir, o que é belo, enfim, as imagem podem influenciar em todos os aspectos (MATILDE, 2010).

Diante disto, a educação em arte torna-se muito mais necessária, para que possa ajudar os alunos a compreender e adquirir os conhecimentos que as imagens podem trazer. Segundo Rossi (2003, p. 09), “todo o aluno deve ter a oportunidade de interpretar os símbolos da arte, pois a dimensão estética é constituída do potencial humano”.

A maioria das informações que o aluno recebe chega através de imagens, algo produzido, inclusive, pela saturação de imagens.

Segundo Araújo e Oliveira (2012, p. 92),

> [...] ao direcionar nossos olhares para os dias atuais, percebemos uma multiplicidade de imagens, das mais diversas formas, que necessitam de uma melhor abordagem e entendimento da linguagem visual, em seu contexto, independente dos meios ou materiais em que foram produzidas, sendo ou por meio de impressos, ou mesmo em equipamentos audiovisuais/ tecnológicos.

A este respeito Barbosa (1994) salienta que a leitura de imagem nas escolas serviria de base para que os alunos pudessem compreender a gramática visual de qualquer imagem, artística ou não, nas aulas de arte, ou no cotidiano, e que torná-los conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-los para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-os do que estão aprendendo com estas imagens.

No entanto, este estímulo nem sempre foi assim, segundo Comparato (1983), do ponto de vista dos professores, durante muito tempo as imagens foram alvos de grandes desconfiança, tendo como alegação que estas despertavam argumentações e incitavam conflitos.

Atualmente, no entanto, o uso de imagens em sala de aula é posto, justamente, com este propósito. Segundo o autor acima citado, “se é própria para produzir argumentação. A imagem é, porém, notável para intensificar o *ethos* e o *pathos,* (1983, p. 15), onde *ethos* significa a ética e a moral e *pathos* o drama humano, a vida, a ação, o conflito do dia-a-dia gerando acontecimentos.

A IMAGEM EM NOSSO COTIDIANO

A arte está em nosso cotidiano, faz parte do nosso dia-a-dia, e muitas vezes, ela é uma forma especial de conhecimento do mundo que nos cerca, das pessoas, das diferentes culturas, de nós mesmos, de nossas emoções, nossos desejos, nossos medos, nossas esperanças.

De acordo com Cava (2008), ela aparece nas apresentações artísticas de rua ou em locais próprios, nas apresentações circenses, no design dos diversos objetos, nos bordados, nos entalhes, na arquitetura, na interferência

urbana, registrada em muros, como a marca dos grafiteiros, em praças, paredes, em igrejas e também nas revistas, jornais, *outdoors*, fotografias, cartazes, televisão, cinema e tantos outros.

Muitas pessoas leem livros, ouvem música, vão ao cinema, ao teatro, ao museu. O homem busca completar a sua vida através da existência, do sonho, da expressão, da indignação, do protesto, de outras pessoas, seja lendo um conto, assistindo a uma peça de teatro, um filme, uma novela, ouvindo uma música, observando uma pintura ou uma escultura (CANETTI, 2008)

A mesma autora salienta que “desde a Pré-História, o ser humano manipula cores, formas, gestos, espaços, sons, movimentos, superfícies, luzes, etc., com a intenção de dar sentido a algo e comunicar-se com os outros” (2008, p 03).

Mas, pensando na arte como atividade humana ligada à manifestações de ordem estética, feita a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de mexer com emoções e sentimentos de um ou mais espectadores, compreendemos que a necessidade de criar, recriar, transformar a matéria e se expressar são características de quem faz arte. De acordo com Pareyson (1989, p.32), citado por Cava (2008) no jogo da criação, “a arte é um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer”.

A arte nos possibilita “dialogar com o mundo”, expressão esta que Freire (1996), já mencionava ao referir-se à leitura, para ele, a leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo. Sendo assim, podemos também dizer que a arte propicia essa leitura de mundo, ela nos faz compreender de forma mais crítica, sensível e aguçada, as cores, as formas, as texturas, outras culturas, a natureza, os objetos, os fatos, as pessoas, o mundo e a nós mesmos.

Diante desta afirmação de Freire (1996) fica claro que a comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dão apenas por meio das palavras. Muito do que se sabe atualmente sobre o pensamento e o sentimento das mais diversas pessoas, povos, países, épocas, são conhecimentos obtidos por meio de suas músicas, teatro, poesia, pintura, dança e cinema.

É por intermédio da expressão artística, segundo Martins (1998), que se torna possível compreender o pensamento de um povo, seus ritos, suas

religiões, seus costumes e suas culturas, revelando também os diferentes tipos de relações entre os indivíduos dentro de uma determinada sociedade. A arte compreende estas manifestações culturais, que vão desde a pré-história até a contemporaneidade.

Para demonstrar a importância da arte no cotidiano das pessoas, que muitas vezes passa despercebida, Coelho e Villa (2011) organizaram um livro intitulado “Cartografias Cotidianas”, onde vários artistas comentam a experiência de uma projeto homônimo realizado na cidade de Londrina.

Coelho e Villa (2011, s/p) assim definem o projeto:

> [...] este projeto sinaliza um território para situar a população em relação à produção brasileira de arte contemporânea, em especial a que dialoga com a prática do desenho. Para esse fim, foram reunidos trabalhos nos quais qualidades gráficas se evidenciam em observações particularizadas do cotidiano, no estranhamento que pode causar o dado próximo e na extensão multidimensional que pode ter o que costumamos chamar de familiar. A variação de abordagens dos artistas e pesquisadores convidados acaba por afetar e ampliar nossa percepção sobre esse território. / Em seu conceito expandido, além de seu caráter de registro imediato, o desenho tem ocupado lugar central nas discussões sobre a arte contemporânea devido a sua potência como manifestação de ideias, por seu caráter processual e pela possibilidade de desdobrar-se, avizinhando-se da literatura, filosofia, geografia humana, sociologia, entre outras./ A escolha dos artistas para este evento se fixa na qualidade dos dados cotidianos que aglutinam em seus trabalhos e na problematização da realidade através de um olhar divergente que possibilita uma atitude mais emancipadora e inclui uma visão aproximadora e crítica do lugar onde se vive. Nesse sentido, são norteadores deste projeto a permanente necessidade de trocas simbólicas que abordem a relação dos indivíduos com a realidade, a inserção de pontes que conectem sensibilidades e a produção de materiais didáticos/educativos que realoquem o sujeito como parte de um sistema de produção de sentido na relação direta com obras de arte que falem da realidade contemporânea.

Diante disto, artistas como Vania Mignone e Bettina Vaz Guimarães (2011), retiram seus motivos dos fatos cotidianos, dos espaços da intimidade: a casa, o quarto, a sala de estar, a mobília, as divisões do espaço como divisórias internas da arquitetura domiciliar. Nesses locais a passagem gradual do tempo parece processar um hiato, uma fenda no seu dever, uma interrupção para erupção de outras sensibilizações. Os espaços provocam a conscientização sobre o tempo tornando-o denso. É como se alguns elementos

flutuassem nesse espaço e assim pudessem estar ali mais concretamente. Ou ao contrário, podem ser matérias de recordações, aparições inusitadas de ideias. Esse espaço, imantado pela passagem do tempo cotidiano, revela os pequenos fatos corriqueiros que passam despercebidos.

Estimular os alunos a atentar para as coisas que nos passam despercebidas - por exemplo, uma mancha em uma parede, rachaduras em muros e objetos não mais utilizados - para que possam se deparar com um mundo novo, antes completamente desconhecido.

Segundo Campbell e Terça-Nada (2002) o "Grupo Poro" vem realizando ações que alertam o olhar distraído para o potencial poético contido em detalhes que a correria cotidiana oculta. Uma das características mais marcante do Poro é a despretensão espetacular dos seus atos. Pelo contrário, a dupla investe na possibilidade de comunicar com simplicidade agindo de modo silencioso, manipulando materiais e suportes singelos. Quaisquer que sejam seus aspectos, o cotidiano tem esse traço essencial: Ele não se deixa apreender. Ele pertence às insignificâncias, e o insignificante é sem verdade, sem realidade, sem segredo, mas é talvez o lugar de toda a significação possível (apud BLANCHOT, 1969).

A ARTE CONTEMPORÂNEA

Para compreender o que é arte contemporânea selecionou-se como referência autoras como Catherine Millet (1997) e Anne Cauquelin (2005), as quais definem arte contemporânea como a produzida por todos os artistas vivos e que são nossos contemporâneos. Sendo que o termo "Arte Contemporânea" traz a designação de uma arte específica e que se distingue das demais artes ou das artes tradicionais, inovando como expressão artística, sendo experimental ou renovando antigas linguagens ditas tradicionais, como pintura ou escultura.

Sendo assim, a arte contemporânea é um fenômeno que não se restingue mais aos grandes centros culturais como Paris e Nova Iorque, tornou-se um fato mundial, estando distribuída por todo o mundo e abrangendo os

mais diversos artistas, como as ações inaugurais do artista francês Marcel Duchamp.

Marcel Duchamp foi um importante pintor e escultor francês. Nasceu em 28 de julho de 1887 na cidade francesa de Blainville-Crevon e faleceu em 2 de outubro de 1968, na cidade de Nova Iorque. É um dos grandes representantes do movimento artístico conhecido como Dadaísmo.

Apesar de Marcel Duchamp ter feito de fato parte de vários movimentos das Vanguardas Artísticas, ele fez uma arte própria, a qual inspira e influência artistas do todo mundo até os dias atuais. “Seu fascínio diante da linguagem é de ordem intelectual: é o instrumento mais perfeito para produzir significado e, também, para destruí-los” (PAZ, 2002, p.11). Depois de Duchamp a arte nunca mais seria a mesma. Sua influência na arte do século XX, e nas criações artísticas dos princípios do século XXI, são inegáveis e constantes. Ao privilegiar o ato do artista, em detrimento muitas vezes do objeto artístico, Duchamp coloca as questões conceituais, filosóficas e críticas acima das questões formais. É exatamente neste ponto crucial que sua influência na arte contemporânea se apresenta de forma tão intensa e viva. O processo criativo eleva-se, então ao patamar de arte. Ao priorizar o gesto à criação de novos objetos, Duchamp gera uma relação com os objetos e com o espectador, que em última instância, vai definir como obra de arte um objeto escolhido pelo artista. A existência desse objeto como arte é definida, então, a partir de uma escolha do artista; “não um ato artístico: a invenção de uma arte de liberação interior” (PAZ, 2002, p. 30).

Será possível essa liberdade, ou estará ela sempre amarrada à própria história, à busca pelo sentido da arte e da vida, da própria essência humana? E não seria, ao mesmo tempo, a essência humana um limitador da liberdade? A liberdade não é um saber, mas aquilo que está depois do saber. Nessa nova forma de fazer artístico o público se coloca de forma definitiva como elemento último da própria obra. Sem essa interação, a obra muitas vezes não existe de forma plena.

ESTRATEGIAS DE AÇÃO

TRABALHANDO COM A IMAGEM

O professor iniciará o trabalho com uma mesa redonda, onde discutirá com os alunos o que é arte. Para tanto pode fazer as seguintes indagações:

- O que é arte?
- Há arte em toda parte?
- A arte está somente nos museus?
- Em nosso cotidiano há arte?

A partir das considerações dos alunos, o professor fará explanações básicas sobre arte contemporânea (performance/apropriação/intervenção), por meio de algumas imagens de artistas que trabalham com o cotidiano; como as coletas de neblina da artista carioca Brígida Baltar, as intervenções do Grupo Poro, as apropriações de objetos cotidianos feitas pelo artista Nelson Leirner e os arranjos materiais de Felipe Barbosa, todos brasileiros e ainda atuantes no circuito da arte.

Com estas indagações o professor pode perceber o que seus alunos sabem sobre arte, pois é importante partir do conhecimento prévio deles, para que o trabalho possa ser concreto.

Em um segundo momento o professor levará para sala de aula imagens de *ready-mades* (*A fonte*, *Roda de bicicleta*), do artista francês Marcel Duchamp, e contextualizará a questão do objeto cotidiano e da apropriação no campo da arte, abordando as experiências dadaístas e surrealistas no início do século XX.

Após a apresentação e contextualização histórica das imagens, o professor e os alunos irão ao laboratório de informática da escola para

pesquisarem outros artistas que trabalhem com objetos cotidianos no campo da arte. Cada grupo de alunos será responsável – com o auxílio e orientação do professor - em pesquisar e apresentar para os demais colegas um artista contemporâneo, abordando seus dados biográficos relevantes, os materiais que emprega na realização do seu trabalho e as questões (assunto) presente em suas obras.

O professor pedirá que os alunos anotem suas observações, para uso posterior, também podem ser arquivadas as cenas e imagens que estes acharem importantes.

LEITURA DE IMAGENS DO COTIDIANO

O professor levará os alunos para transitar pelos arredores do colégio com o objetivo de conhecerem os espaços físicos, sendo que estes deverão refletir sobre as possibilidades de intervir nestes espaços com a arte, a fim de transformá-los em espaço poético; sempre registrando as imagens por meio de fotografias, pois será por meio delas que os projetos de intervenção e instalação pública serão desenvolvidos futuramente.

Após o passeio, em sala de aula, o docente abordará de forma mais completa as ações e propósitos do Grupo Poro, explicando, por meio dos trabalhos deste grupo, conceitos como instalação e intervenção; neste momento, se faz relevante ressaltar as questões poéticas, políticas e éticas presentes nas ações do grupo.

Os alunos visitarão a praça pública da cidade e farão uma leitura, análise dos elementos formais e contextualização histórica deste espaço; articulando esses referenciais com a memória afetiva de cada aluno em relação ao espaço público em questão. Registros fotográficos do espaço deverão ser realizados.

Fig. 01 Imagem fotográfica da praça pública da cidade de Cambará. Fonte: Autora

PRODUZINDO ARTE

- Os alunos irão pesquisar, em sua vida cotidiana, objetos e trazê-los para a escola. Cada um fará uma retrospectiva da função de cada objeto aliando ao valor poético (memória) que o material escolhido tenha. Esses objetos fazem parte da vida de cada sujeito, da sua infância e de sua história. Trabalhar a questão da memória e da poética, por meio de algo que é, ao mesmo tempo, trivial e significativo, se torna um passo importante para entendimento da arte contemporânea.

  Cada aluno irá fotografar o seu objeto e redigir um pequeno texto (que subsidiará uma apresentação individual) em que aborde as caraterísticas físicas e estéticas do objeto, a sua funcionalidade cotidiana e também o caráter afetivo.

- Proposta de intervenção/ instalação: os alunos irão trabalhar as questões da memória e da poética por meio de instalações ou intervenções urbanas, expondo suas próprias individualidades e exercitando o conhecimento adquirido, tendo oportunidade de elaborar um projeto poético próprio. Acredita-se que todo esse processo investigativo – em relação ao local, as pessoas que transitam nele, as significações do espaço - provoca uma mudança na atitude do aluno diante da arte e da sua própria vida.

Os temas que serão propostos tem como objetivo fazer com que os alunos entendam a diferença entre o raciocínio pragmático e o poético, possibilitando uma transformação no olhar do aluno, que é fundamental nessa intervenção. Temas sugeridos: Tempo; Infância; Memória.

- Realizar as instalações ou intervenções nos locais citados e pesquisados durante o projeto, como praça e a escola. Em relação ao espaço, a praça e a escola estão ligados ao contexto histórico de cada indivíduo, passando de geração a geração, tornando este local uma possibilidade de espaço poético. O objetivos dos trabalhos é resinificar o espaço, causando estranheza do que se vê, porém fazendo com que seja resgatado um olhar poético sobre os objetos trabalhados.

- Registrar as instalações/ intervenções por meio da fotografia, e a reação do público ao se deparar com a arte efêmera. Em seguida, fazer a exposição dos registros fotográficos.
- Após a exposição, para encerrar o projeto, realizar com os alunos, coletivamente, uma reflexão de como foi a intervenção.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem.** Campinas: Papirus, 1995.

ARANTES FILHA, Elisete V. **Devaneio do olhar: uma experiência de produção e leitura da imagem através do vídeo na prática pedagógica.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais. Programa de pós graduação em Educação. Natal RN, 2004.

ARAÚJO, Gustavo Cunha; OLIVEIRA, Ana Arlinda. **Leitura de imagem e alfabetismo visual: revendo alguns conceitos.** Domínio da Imagem, ano V, nº 10, p.89/96, Londrina, PR/maio 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: Leitura no subsolo.** São Paulo: Cortez, 1999.

BARROZO, Vanderléia Moreira. **Leitura de imagens no contexto escolar.** Universidade Metropolitana de Santos. Faculdade de Educação e Ciências Humanas. Licenciatura em Artes Visuais. Revista Cientifica de Educação a Distância, vol. 3, nº 5, dez. 2011.

CAMPBELL, Brígida e TERÇA-NADA, Marcelo (Orgs**). Intervalo, Respiro, Pequenos deslocamentos - Ações poéticas do Poro.** São Paulo: Radical Livros, 2011.

CAVA, Laura Célia S. Cabral. Fundamentos e metodologias do ensino das artes. In: RAMPAZZO, Sandra Regina dos Reis; KLAUS, Melina (Org.). **Instrumentação do trabalho pedagógico nos anos iniciais do ensino fundamental:** fundamentos e metodologias. Londrina: Unopar Virtual, 2008.

COELHO, Elke; VILLA, Danillo. **Cartografias cotidianas.** Londrina: UEL, 2011.

COMPARATO, D. **Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Bettina Vaz. Arquivo cotidiano. IN: COELHO, Elke; VILLA, Danillo. **Cartografias cotidianas.** Londrina: UEL, 2011.

LIMA, Adriana Teixeira; REIGOTA, Marcos A. dos Santos; PELICIONI, Andrea Focesi; NOGUEIRA, Elisete Jussara. **Frans Krajcberg e sua contribuição à educação ambiental pautada na teoria das representações sociais.** Cad. CEDES vol.29 no.77 Campinas Jan./Apr. 2009.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Didática do ensino de arte: a língua mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MATILDE, Alessandro da Rocha. **As imagens do cotidiano nas aulas de artes.** Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC - Curso de Pós-Graduação Especialização em Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas. Criciúma, SC, 2010. Disponível em: repositório.unesc.net acesso em: 07/06/2013.

MIGNONE, Vania. Sobre o fazer arte e o valor do que está perto. IN: COELHO, Elke; VILLA, Danillo. **Cartografias cotidianas.** Londrina: UEL, 2011.

PAZ, Octavio. **Marcel Duchamp ou o castelo da pureza**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PELICIONI, Andrea Facesi. **Educação ambiental: limites e possibilidades de uma ação transformadora.** 2002. 210f. Tese (doutorado) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Ed. Martins Claret, 2002.

RAYCK, Diego. Desenho como artifício. IN: COELHO, Elke; VILLA, Danillo. **Cartografias cotidianas.** Londrina: UEL, 2011.